

DOSSIÊ

As Cidades e as diverCidades – experiências com imagens nos espaços urbanos na história e na contemporaneidade

Organizadoras:

Caterine Reginensi (UENF)
Mariana Cunha Pereira (UFRR)
Rubia-Mar Nunes Pinto (UFG)

A ideia de organizar este Dossiê relaciona-se, em primeiro lugar, com a realização de um exercício acadêmico de produção científica e, por conseguinte, com o intuito de apresentá-lo a um periódico que se interessasse pelo tema proposto, qual seja, os estudos sobre a cidade em sua diversidade. Assim sendo, enfrentar o desafio de escrever um texto propositivo e publicizá-lo por meio de uma revista a fim de cativar pesquisadores e autores da temática sobre a cidade. Juntou-se a isto a oportunidade de efetivar um trabalho acadêmico a três mãos, inicialmente, mas, que se multiplica na confluência dos textos que viriam a compor este dossiê.

O encontro entre as organizadoras que estão em diferentes estados do Brasil, a saber, Rio de Janeiro, Goiás e Roraima se deu em temporalidades e espacialidades distintas. Primeiro, o encontro entre Mariana e Rubia, é proveniente de dez anos de trabalho na Universidade Federal de Goiás, na Faculdade de Educação e Dança (FEFD/UFG). Desta convivência, ficaram as discussões e conversas sobre a história da educação do corpo em Goiânia, cidade-capital do estado de Goiás, em suas várias dimensões, desde o espaço escolar da Educação Física até a história das escolas passando pelas apropriações e usos da cidade, particularmente, pelas crianças.

Ao pesquisar a história e a memória da pipa em Goiânia, Rubia interrogava a cidade e seus usos. O que dizem as pipas - este artefato construído e manipulado por crianças - sobre Goiânia, sua *gente*, sua história, sua cultura? O que elas podem dizer sobre os sentidos do urbano, sobre a identidade daqueles que habitam as cidades, sobre os paradoxos e contradições de sociedades urbanizadas? Ao dar a ver uma história de práticas do cotidiano, como propõe Michel de Certeau (2012), percebeu que as pipas são artefatos culturais que expõem os rastros da cidade: elas nos chamam a flunar acima do urbano e, de lá, perscrutar os seus cantos, adentrar seus vazios, romper seus espaços disciplinarizadores.

E, posteriormente, o encontro entre Mariana e Caterine, em outubro de 2019, na Universidade Federal de Roraima quando Caterine ministrou um curso a convite do Grupo Interdisciplinar sobre Fronteiras/GEIFRON. O referido curso, “Método dos Itinerários Etnográficos”, oportunizou o trabalho de campo que nos levou à cidade de Pacaraima, fronteira com a Venezuela, para fins de treinar este olhar etnográfico. Depois, em 2022 no PROCAD/AM, no pós-doutoramento de Mariana com a supervisão de Caterine Reginensi, fez-se aprofundamento na discussão sobre o método dos itinerários etnográficos junto aos alunos do Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais na Universidade Estadual Norte Fluminense. Em ambas as experiências, o tema de *ler* a cidade a partir das pesquisas realizadas por Caterine, no campo da Antropologia, foi *gatilho* para que surgisse a ideia do Dossiê.

A memória destes encontros com Rubia foi reativada por conversas em redes sociais e telefonemas, especialmente durante o período da pandemia da Covid-19 (2020-2023), e acabou confluindo para o convite para a escrita da proposta de organização do dossiê que deveria ser a três mãos. Sendo assim, e por meio das tecnologias de comunicação fizemos os contatos e passamos a trabalhar na construção do texto propositivo.

A proposta dialoga com as áreas de conhecimento as quais realizamos nossas pesquisas e que, sem dúvida, também expressam as lentes pelas quais vemos os estudos dos fenômenos sociais. Em um diálogo possível entre a Antropologia urbana e Visual, a Sociologia das Imagens, a História das Cidades e a História da Educação, esta proposta de dossiê temático imaginou ser possível reunir artigos e um ensaio fotográfico que traduzam reflexões sobre as várias linguagens que constituem o cenário da cidade na sua diversidade bem como poderiam dar visibilidade a diversidade dos corpos em seus encontros e desencontros nos ambientes urbanos.

Entre estas linguagens que traduzem a espacialidade urbana estão o grafite, a ilustração, a pixação e

as pinturas publicitárias que interferem na paisagem das cidades expondo o que pensam e o modo de viver e sentir dos sujeitos sociais que as constituem. Se a cidade é movimento, como sugere Michel Agier, há que se pensar nos encontros e desencontros que fomentam as desigualdades e diferentes formas de viver os espaços. As consequências que se mostram no espaço urbano por meio das distintas formas de expressão precisam ser interpretadas.

Aqueles que vivem nas ruas ou que vivem as ruas, os espaços de uso público, perenes de intervenções são - para eles - seus cadernos de desenhos, suas pranchetas de arquitetura, talvez um mural. Pode ser, por isso, que muitas destas expressões artísticas redefinem o que foi planejado e instituído de um tal modo a desconhecer outras formas de sociabilidade que ali existem. Michel Agier nos indica que as cidades “são as marcas do espaço, limites imateriais [...] e a cidade permanece invisível como um todo, mas pode se tornar o símbolo compartilhado de todos que vivem lá”. (AGIER, 2015). Este autor defende uma antropologia *da cidade* que destaca a importância dos próprios processos de luta, resistência e conflito que acontecem e que acabam constituindo uma enorme diversidade de redes de relações.

E esta abordagem permite analisar em profundidade uma variedade de atores urbanos (ambulantes, artistas urbanos, entre outros) e uma diversidade de corpos (negros, brancos, jovens, velhos, femininos, masculinos, etc.) que se encontram e defrontam na cidade, ou seja, todo.a.s aquele.a.s que vivem nas ruas ou que vivem as ruas e os espaços de uso público. Trata-se de uma perspectiva que enxerga a cidade de modo relacional. Alimentadas por essas referências nos perguntamos incansavelmente “o que faz a cidade” e, ao olhar a cidade a partir das formas de sociabilidade constituídas nesses espaços, seguimos as recomendações de Michel Agier de “deslocar o ponto de vista da cidade para os cidadãos” e de “deslocar a problemática do objeto para o sujeito da questão sobre o que é cidade – uma essência inatingível e normativa (AGIER, 2011 [2009], p.38).

Como pensar a pluralidade de cidades? Como a cidade se inventa de acordo com os que a vivem, no cotidiano? Quem ocupa a cidade e como a cidade é ocupada? se tornaram nossos questionamentos à partida. Por fim, uma nova pergunta surgiu: Como a arte urbana pode ser uma chave de leitura da cidade, aqui pensada como artefato em constante movimento, em eterna (re)invenção? O antropólogo português Roberto Campos sublinha que o grafite contemporâneo é um fenômeno tipicamente urbano

a ser abordado etnograficamente e, a socióloga portuguesa Lígia Ferro, mostra que é nas ruas que *writers* e *traceurs* gostam de encenar e dar a ver as suas artes. E as ruas das cidades constituem-se, assim, como palco das “múltiplas mobilidades, aprendizagens e sociabilidades” destes protagonistas (p. 223).

No intuito de criar um diálogo possível entre a Antropologia urbana e Visual, a História das Cidades e a História da Educação outras referências foram necessárias. Dialogando com a antropologia visual, percebemos que a fotografia oferece capacidades mobilizadoras de situações de diálogo entre os interlocutores em campo, estes cidadãos que fazem a cidade e esta cidade que é também concebida como espaço praticado (CERTEAU, 2012). Espaço que não pode ser separado da ação de seus usuários, que, em seus atos e práticas, o reinventam.

Com o campo da história da educação, a relação dialógica se deu com as referências da história cultural e a partir dos estudos da memória, especialmente, aqueles que debatem a memória coletiva (HAPOLLACK, 1993, HALBWACHS, 2006), os *lugares de memória* (NORA, 1982, 1989) e mesmo a interlocução da História com o saber geográfico. Daí emergiu a cidade que educa as novas gerações na perspectiva de preservar memórias ancestrais e também por meio de suas paisagens revelando, por exemplo, uma arquitetura do medo que a todos enclosura por detrás de cercas eletrificadas, altos muros, grades, portões e câmeras de segurança.

A cidade se revela, portanto, como cenário de lutas e disputas pela preservação da experiência cultural de grupos e indivíduos historicamente marginalizados e pelo direito à cidade e à sua promessa civilizatória e democratizante. Ou ainda, mobilizando a Sociologia do Trabalho, como cenário de instituições que, ao mesmo tempo que reproduzem o modo de produção capitalista, inserem temas e questões sociais para o debate público e para a agenda política da nação. Tendo em vista o passado sempre presente, revelam-se paisagens urbanas, cenas, imagens e sonoridades representativas das lutas, especialmente de jongueiros, moradores de comunidades cariocas e carnavalescos, para tornar visíveis e potentes as lutas contra a desigualdade, o racismo e exploração capitalista da cultura e do povo (especialmente, o povo negro e periférico) bem para preservação do legado cultural de grupos historicamente expropriados e marginalizados.

O conjunto de textos publicados pelo Dossiê oferece alguns *possíveis* como resposta. Contudo, este pequeno *pacote de textos, de explicações* (parafraseando Foucault, 2008) propõe novas e instigan-

tes questões sobre as cidades e seus ocupantes. São questões que emergem mesmo da possibilidade de reunir estudos de diferentes campos e áreas.

O primeiro texto é, na verdade, um texto-ensaio fotográfico. *Graffiti como cultura de rua: quebrando o silêncio nas paredes de Londres* nos faz conhecer, em uma realidade alheia ao contexto brasileiro, o quão é possível a arte dialogar com a política local. O ensaio mostra que o Graffiti em diferentes temporalidades e lugares é usado como arma de expressão ideológica e posicionamento identitário; por conseguinte, é uma arte que se posiciona pela denúncia e pela crítica. O autor, ao discutir a realidade de Londres nos anos 70, embasa sua análise no livro “The Writing on the Wall”, escrito por Roger Perry, em 1976. E, com esta obra mostra, em imagens, o quão o Graffiti é uma arte popular e resiliente que revela a cidade como espaço e potência de denúncia.

O texto de Jorge França de Farias Jr, *Graffiti como cultura de rua: quebrando o silêncio nas paredes de Londres* nos convida a pensar as paredes da cidade como uma tela de expressão. Parece nos dizer que as imagens são um reflexo dos mundos sociais que as produzem, exibem e vêem; chamando atenção sobre a produção do fotógrafo Roger Perry que durante a década de 1970 documentou incansavelmente uma cidade frustrada, mas no mesmo tempo socialmente consciente que alguma coisa estava acontecendo no mundo da cultura. O papel da música na vida cotidiana da população britânica da época é algo dificilmente comparável a outro lugar.

E no mundo da produção de graffiti na época, Londres se destaca, como nos indica o autor do artigo, de outros lugares do mundo por não ter sido influenciada pelos Estados Unidos. Trata-se mais de várias linguagens verbais que podemos considerar como um conjunto de arte popular que vai: “tornar visível e constitui a memória da cidade. O efeito de acumulação é central aqui. O conjunto de escritos exibidos que faz sentido, não como o acúmulo de informações, mas sim como espetáculo de uma “genealogia textual” que funda a sociedade”.

Tradução livre de: ...rend visible et constitue la mémoire de la cité. L'effet d'accumulation est ici central. C'est l'ensemble des écritures exposées qui fait sens, non comme accumulation d'informations mais comme spectacle d'une “généalogie textuelle” qui fonde la société.

A seguir, em *Malabaristas urbanos e a narrativa de uma cidade cultural: O que dizem os semáforos de Imperatriz-MA*, Jesus Pereira Marmanillo quer nos fazer conhecer a cidade de Imperatriz para

além dos aspectos socioeconômicos que, em geral, situam essa cidade como a segunda mais desenvolvida do estado do Maranhão. Em tais reflexões, a narrativa textual nos leva aos semáforos daquela cidade onde há um palco de apresentações artísticas pelos malabaristas que ali se apresentam e que transitam tanto espacialmente para mostrar sua arte quanto no sentido cultural ao trazer para os transeuntes e motoristas locais o aspecto artístico das cenas que protagonizam. Estes artistas conseguem ser moradores da cidade e despertadores do sentido cultural de viver em uma cidade de um dos estados mais pobres do Nordeste brasileiro.

E, ainda tendo as ruas das cidades como elemento discursivo para problematizar a espacialidade urbana, o autor do artigo intitulado *Rua e Cenas de Resistência Urbana: um olhar sobre o espaço urbano de Campos dos Goytacazes* articula seu objeto de estudo no campo da sociologia do trabalho e nos traz a conhecer o quanto a rua é também disputada para o exercício do trabalho humano. Nesse sentido, existe uma imposição sobre o uso do espaço urbano para fins do trabalho. De um lado, aqueles que estão institucionalizados na existência das lojas e, de outro, estão aqueles que vendem suas mercadorias nas calçadas, os ambulantes. Sintilla Abreu Bastos Cartaxo e Fernando Kulaitis discutem este modo de se apropriar do espaço urbano, pelo trabalho, como forma de reinventar o cotidiano das cidades.

Ainda neste eixo de pensar a espacialidade urbana e o modo como o trabalho e os trabalhadores se fazem presente nas ruas das cidades, o artigo de Marcelo de Medeiros Reis Filho, *Fluxos, fixos e pontos de vendas no comércio de rua*, apresenta outro olhar sobre essa relação da rua com o trabalho. Ao discutir o Calçadão de Bangu, na Zona Oeste carioca, problematiza que há um descompasso entre o planejamento do espaço público e a apropriação desse espaço. E, mostra também que o comércio local apresenta a peculiaridade de reelaborar o espaço urbano a partir das montagens e desmontagens de estruturas que demonstram que há um fluxo nas especificidades do comércio que escapa às possibilidades de planejamento urbano e regulações públicas.

Outra é o caminho trilhado por “*Se você for à Guarus e perguntar quem mora lá*”: *Mestra Noinha e o terreiro de jongo enquanto um lugar de memória* que propõe o diálogo entre aportes teóricos e metodológicos da Antropologia Visual e os estudos sobre Memória e Identidade. O artigo recorta o mapa urbano para dar a ver um terreiro de jongo no bairro Parque Guarus, em Campos dos Goytacazes, município do Norte do Rio de Janeiro como *lugar de memória*

afro-brasileira e suporte da identidade étnico-cultural de descendentes de negros que foram escravizados. Valendo-se do conceito de “lugares difíceis”, o artigo de Julia Dias Pereira e Lílian Sagio Cezar nos mostra o terreiro de Jongo de Mestra Noinha como um lugar de resistência da memória e da cultura negra.

Ainda no campo da memória, mas em uma interlocução com os estudos sobre urbanismo, o artigo de Noeci Carvalho Messias, *Patrimônio Cultural: sentidos e significados nos espaços públicos de Natividade/TO* descreve a cidade de Natividade, localizada na região sudeste do estado do Tocantins. Outrora um arraial mineratório do antigo Norte goiano, tendo suas origens na primeira metade do século XVIII, a cidade tem um rico acervo arquitetônico, urbanístico, paisagístico e histórico. De fundamental importância é o patrimônio cultural imaterial local como o saber fazer jóias artesanais e as festividades do Divino Espírito Santo. As imagens, narrativas e dados históricos revelam o quanto o patrimônio cultural material e imaterial de uma cidade diz das relações e circuitos de sociabilidade criados e mantidos por seus moradores.

A seguir, Leandro dos Santos Fernandes em “*Uma cidade a cintilar*”: *Percepções de Gilberto Gil sobre a população negra dos grandes centros urbanos nos anos 1970 por meio da canção Refavela (1977)*, propõe apresentar como o músico Gilberto Gil representou musicalmente o cotidiano da população negra negra diante da Ditadura Militar (1964-1985), abordando suas lutas e adversidades, mas também ressaltando a beleza e o orgulho do pertencimento à negritude bem como a potência da cultura afro-brasileira. O artigo localiza esta canção e sua percepção da população negra como participante da ampliação da consciência negra e do crescimento de movimentos populares de luta e enfrentamento do racismo e pela conquista da igualdade racial. Naquele cenário, o campo cultural, especialmente, a música e a moda se tornaram espaços de afirmação da identidade desta população.

O artigo seguinte, de autoria de Bruna Tavares Costa, *O processo de artificação: da Sapucaí para o museu* recorta a obra do carnavalesco Leandro Vieira para o G.R.E.S Estação Primeira de Mangueira (RJ) para analisar o processo de artificação no desfile na perspectiva da lógica de produção capitalista, a qual promoveu reconfigurações internas das escolas de samba criando novas hierarquias e demandando novos profissionais. A figura do carnavalesco é aqui central para dar mostrar que o artista-carnavalesco trabalha sob permanente tensão entre

os impactos externos do seu fazer artístico (criação dos desfiles e circulação de imagens impactantes que atingem grande números de pessoas) e seus próprios interesses e perspectivas de privilegiar o espaço do desfile como lugar para o debate de questões sociais urgentes.

O último texto *Violência, cidade e escola: aspectos para se pensar a paisagem urbana, de Magno Emerson Barbosa da Silva*, nos coloca diante da instituição imaginada para educar as novas gerações expondo o espaço disciplinado e disciplinador de escolas municipais na cidade de Goiânia, Goiás. Em um diálogo entre o saber geográfico e autores da sociologia e da história, o artigo ressalta como o espaço escolar vem agregando equipamentos e dispositivos de vigília em um processo de espacialização da violência urbana que torna instável a paisagem da cidade. Para o autor, a instabilidade da paisagem urbana resulta das múltiplas expressões de violência que transformam dialeticamente relações materiais e simbólicas em objetos e equipamentos que compõem o espaço da *urbs*.

É com este olhar sobre a cidade e sobre as formas de expressão e de experiências na cidade que reunimos artigos de pesquisas realizadas e em andamento, ensaios teóricos-metodológicos para compor este número da Revista Teoria e Cultura. São artigos que abordam a cidade a partir do cotidiano de personagens urbanos muito diversos (grafiteiros, pichadores, mas, também trabalhadores das ruas, vendedores, artistas no sinal de trânsito, jongueiros, carnavalescos, entre outros), de lugares da cidade (o terreiro de jongo, o desfile de escolas de samba, a escola, o patrimônio material e imaterial) e do imaginário sobre quem habita as periferias urbanas. Da perspectiva aqui exposta, a partir dos autores citados que os textos a seguir embasam suas reflexões, nos levando a conhecer diferentes linguagens de mostrar a cidade, e as cidades que existem na cidade, este complexo artefato humano que permanece nos desafiando a conhecê-la e a reinventá-la.

Referências bibliográficas

AGIER, Michel. *Encontros etnográficos*. Interação, contexto, comparação. São Paulo: Unesp, Edufal, 2015, p. 27-28. (Tradução brasileira de Bruno César Cavalcanti e Maria Stela Torres B. Lameiras de La Sagesse de l’ethnologue, Paris: L’oeil neuf éditions, 2004)

_____. *Antropologia da Cidade: lugares, situações, movimentos*, São Paulo, Ed. Terceiro Nome, 2011 [2009].

- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: 1. Artes de fazer. 19. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.
- CAMPOS, Ricardo. *Por que pintamos a cidade?: Uma abordagem etnográfica do graffiti urbano*. Lisboa: Editora Fim de Século, 2010.
- FERRO, Lígia. *Da rua para o mundo*. Etnografia urbana comparada do graffiti e do parkour, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2016.
- FOUCAULT, M. *Segurança, território, população*. Curso dado no College de France (1977-1978). São Paulo : Martins Fontes, 2008.
- FRAENKEL Béatrice. *Graffiti: un mauvais genre* », J. L. Poueyto (dir.), *Illettrismes et cultures*, Paris, L'Harmattan, 2000, p. 107.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- NORA, P. *Entre memória e História: a problemática dos lugares*. São Paulo, Projeto História, n. 10, 1993.
- PINTO, R. N. *História e memória da pipa em Goiânia: uma história das crianças e da cidade*. In: EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, Año 15, no. 150, Nov 2020, Acessível em <https://efdeportes.com/efd150/historia-e-memoria-da-pipa-em-goiania.htm>
- POLLAK, M. *Memória e identidade social*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200–212.
- POLLAK, M. *Memória, esquecimento, silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3–15.
- ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. *Etnografia da duração: antropologia das memórias coletivas em coleções etnográficas*. Porto Alegre: Marcavisual, 2013.